

ABRE ASPAS

■ ANTONIO LUCIANO TOSTA ■ PROFESSOR DA UNIVERSIDADE DE KANSAS

«SALVADOR É UM LOCAL DESEJADO PELA COMUNIDADE ACADÊMICA»

GILSON JORGE

No início de julho, o Pavilhão de Aulas da Federação, da Universidade Federal da Bahia (Ufba), em Salvador, recebeu o 18º Congresso da Brazilian Studies Association (Brasa), que reúne pesquisadores internacionais dedicados a estudar o Brasil nos campos da cultura e das ciências sociais. Após o evento, a Brasa passou a ter como diretor executivo o soteropolitano Antonio Luciano Tosta, que é diretor do Center for Global and International Studies da University of Kansas, nos Estados Unidos. Com PhD em Literatura Comparada pela Brown University (EUA) e Licenciatura e Bacharelado em Letras pela Ufba, Antonio Tosta fala nesta entrevista sobre o funcionamento da associação e os seus planos para o mandato que começou logo após o congresso.

Como surgiu a Brazilian Studies Association e quais os seus objetivos?

A Brasa surgiu em 1992, durante o congresso da Lasa (Latin American Studies Association), que aconteceu em Los Angeles, na Califórnia. Aquele encontro tinha uns 40 pesquisadores que decidiram criar uma associação para promover os estudos brasileiros e fortalecer as conexões entre aqueles que estudam o Brasil e os que estudam o resto da América Latina. E a primeira conferência da Brasa aconteceu em março de 1994, em Atlanta, durante a conferência da Lasa. A conferência tradicionalmente acontece a cada dois anos, alternando entre o Brasil e os Estados Unidos. Já aconteceu também por duas vezes no King's College, na Universidade de Cambridge, na Inglaterra. No Brasil, a primeira vez que aconteceu foi no ano 2000, em Recife., Pernambuco. Depois, em 2004, aconteceu na PUC, no Rio de Janeiro, onde também aconteceu em 2018. Em 2010, foi em Brasília. Então, Salvador é a segunda cidade do Nordeste onde a conferência ocorreu.

A Brasa premiou no ano passado um artigo de Mariana Jeffrey sobre os 60 anos do golpe militar. Quais são os tópicos sobre o Brasil que mais despertam interesse da comunidade acadêmica internacional ligada à associação? Cultura, política?

Política, certamente, é uma das áreas de interesse dos membros da Brasa. Historicamente, houve uma predominância de estudos culturais e humanidades nas apresentações nos congressos e nas áreas de pesquisas dos associados. Mas, recentemente, houve um crescimento significativo da presença dos estudos sociais. Os tópicos são os mais variados possíveis. O nosso desejo é continuar ampliando e incluir também as ciências naturais. É importante dizer também que mais recentemente a Brasa vem se constituindo como um espaço compartilhado entre brasileiros e estrangeiros na tarefa de não apenas entender o Brasil, mas aprender a partir do Brasil e com o Brasil sobre temas universais. Como diz o professor Livio Samson, da Ufba, a Brasa ficou bem mais brasileira.

A Brasa fornece bolsas de estudo para universitários brasileiros em instituições estrangeiras. Como funciona o programa?

Atualmente, a Brasa dá prêmios para os dois melhores artigos ou capítulos de livros ou capítulos de livros acadêmicos, sempre nas áreas de humanas ou ciências sociais. Também premiamos dois livros sobre o Brasil, que foram publicados em inglês e têm contribuído de forma significativa para o campo dos estudos brasileiros. Freedom's Horizon: Black Abolitionism in Nineteenth-Century Brazil [Horizonte da Liberdade: Abolicionismo Negro no Brasil do Século XIX], de Isadora Moura Mota, e



University of Kansas / Divulgação

«Eu diria que a relação entre Brasil e Estados Unidos vai continuar importante, como sempre foi, mas sem a sensação de estabilidade que a caracterizava. Este ano, os dois países terão eleições muito polarizadas, o que aumenta o clima de tensão, inclusive agora com tarifas novas sobre produtos brasileiros e a possibilidade de interferência de Washington na nossa política»

Where the Sun Rises Square: Mass Incarceration and the Bonds of Reform in Brazil [Onde o Sol Nasce Quadrado: Encarceramento em Massa e os limites da Reforma no Brasil], de David C. Thompson. Temos uma bolsa de estudos para alunos de pós-graduação fazerem pesquisa no Brasil ou nos Estados Unidos. A ideia é incentivar a troca de experiências entre alunos brasileiros que residam no Brasil e pesquisadores dos Estados Unidos, e entre alunos dos Estados Unidos e pesquisadores e universidades do Brasil. para desenvolver projetos com ênfase no Brasil. Recomendamos que os alunos tentem combinar essa bolsa com outros financiamentos. Além disso, damos um prêmio para ajudar alunos da pós-graduação a participar das conferências.

Quais foram as principais discussões do Congresso da Brasa em Salvador?

O Congresso de 2026, em Salvador, foi o que teve o maior número de participantes da história da associação, com 1.600 inscritos. Para se ter uma ideia, o segundo maior foi em San Die-

go, em 2024, com 800 participantes. Eu acredito que isso demonstra tanto o crescimento da associação quanto como Salvador é um local desejado pela comunidade acadêmica. O evento, que foi o 18º congresso, reuniu pesquisadores, ativistas, escritores, artistas e estudantes de todo o mundo, em diálogo com os brasileiros. Além de apresentações acadêmicas, que cobriram temas diversos, tivemos encontros entre escritores e seus leitores, sessões especiais culturais e apresentações de representantes de instituições como a Academia de Letras da Bahia.

O senhor acaba de se tornar o primeiro baiano a dirigir a Brasa. Quais são os planos para a sua gestão?

A associação ainda está em processo de transição, da Universidade de Tulane para a Universidade de Kansas. É importante dizer que a Brasa é composta por um comitê executivo que se renova a cada dois anos, quando também o vice-presidente é eleito. O vice-presidente se torna presidente automaticamente dois anos depois. A Universidade

do Kansas, onde ensino e sou diretor do Centro de Estudos Globais e Internacionais, será responsável pela administração da associação, mas todo o planejamento é pensado e desenhado em conjunto com o comitê executivo. Como a conferência acabou de acontecer, ainda não temos um plano totalmente completo. Mas uma possibilidade que está sendo pensada, por exemplo, é a criação de uma revista acadêmica que serviria à comunidade e atenderia uma demanda crescente por publicações na área de estudos brasileiros. Temos discutido também a possibilidade de expandir o nosso congresso para lugares novos, como países da Europa e da África.

Brasil e Estados Unidos vivem um crescente distanciamento político desde o processo de impeachment de Dilma Rousseff e depois a Lava Jato, ambos eventos com alegada influência de Washigton. Os Estados Unidos, que haviam negligenciado o relacionamento com a América Latina, voltam a ter influência na região com o apoio de lideranças locais de direita e extrema-direita. Como o senhor encara o futuro próximo da relação entre Brasil e Estados Unidos a depender das eleições deste ano nos dois países?

Eu diria que a relação entre Brasil e Estados Unidos vai continuar importante, como sempre foi, mas sem a sensação de estabilidade que a caracterizava. Este ano, os dois países terão eleições muito polarizadas, o que aumenta o clima de tensão, inclusive agora com tarifas novas sobre produtos brasileiros e a possibilidade de interferência de Washington na nossa política. Quando os Estados Unidos aumentam as tarifas, isso afeta diretamente as empresas brasileiras, empregos e as exportações do nosso país. Ao mesmo tempo, Brasil e Estados Unidos continuam grandes parceiros comerciais e diplomáticos. Então, eu acredito que nenhum dos dois países tem interesse real em romper com o outro. Acho que eles não vão parar de negociar, mesmo que estejam brigando publicamente. As eleições têm papel importante porque vão ditar como serão essa relação. As eleições de meio de mandato aqui nos Estados Unidos, as mid-terms, agora em 2026, são um teste para o presidente estadunidense. Elas afetam o controle do congresso e, com isso, a capacidade dele de aprovar leis, defender a sua agenda e evitar um grande escrutínio público do

próprio congresso. Se prevalecer uma direção mais protecionista e ideológica em Washington, podemos ver mais tarifas, por exemplo. Ideologicamente, a depender de quem ganhe no Brasil, o diálogo pode ser mais fácil ou não. Mas não vai deixar de acontecer de nenhuma forma. Em qualquer desses cenários, o Brasil precisa de muita sabedoria e defender os seus interesses sem ser manipulado.

Como é a sua pesquisa sobre a fome?

Eu participo de um grupo de estudos interdisciplinar internacional sobre segurança alimentar. Como eu sou um pesquisador da área de estudos culturais e trabalho com representações, minha pesquisa é sobre a forma como a fome, ou a insegurança alimentar, aparece em romances, filmes e fotografias. Este ano, em abril, organizamos uma conferência internacional interdisciplinar sobre insegurança alimentar na Universidade de Kansas junto com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte e a Universidade Federal de Sergipe. No congresso da Brasa, eu apresentei um trabalho sobre o documentário *Garapa*, de 2009, dirigido por José Padilha. Eu discuti tanto a cinematografia quanto a forma como o gênero documentário em geral pode contribuir para o combate à insegurança alimentar. A minha ideia é publicar artigos sobre o tema, mas também ampliar para escrever um livro interdisciplinar que trace o progresso da representação da fome na arte brasileira, analisando as obras também a partir do contexto de insegurança alimentar no Brasil no momento de publicação ou produção das mesmas

Pode citar as obras?

De uma perspectiva histórica, começa com o romance *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida, que tem como background os engenhosa de cana-de-açúcar e a migração. Depois vem *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus; *Menino de engenho*, de José Lins do Rego. Mais recentemente, tem *Torto arado*, de Itamar Vieira Jr, nosso baiano, o *Garapa*, que eu apresentei. Tem o filme *Fome*, de Cristiano Burlan, de 2015; o documentário *Histórias da fome no Brasil*, de Camilo Tavares, *Central do Brasil*, de Walter Moreira Salles e também tenho olhado muito para as fotografias do grupo *Trabalhadores*, de Sebastião Salgado.